



LIVRO 3
O ALÇAPÃO
LISA McMANN

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Trap Door

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Chris Nurse

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO Keirsten Geise

PREPARAÇÃO Mariana Zanini

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

MacMann, Lisa

O alçapão / Lisa MacMann ; tradução Alexandre Boide. — 1^a ed.
— São Paulo : Seguinte, 2014. — (Infinity Ring)

Título original: The Trap Door.

ISBN 978-85-65765-29-9

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

13-13442

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Um mar de... milho?

— PELO AMOR! — Sera disse, olhando para suas sapatilhas elegantes mas nem um pouco funcionais, que até pouco tempo ainda eram vermelhas. — Meus pés estão congelando.

Ela olhou para trás para ver se Riq e Dak também estavam lá, de preferência sem companhias indesejadas — afinal, depois de terem viajado no tempo pelas terras vikings levando uma cachorra chamada Vígi, grande demais para ser considerada... bem, uma cachorra, era sempre bom garantir.

Os pés dos três estavam cobertos de lama. Chovia — ou melhor, caía um temporal, com ventania e tudo, e eles estavam no meio das terras devastadas de um milharal. O milho havia sido colhido meses antes, e só restavam os caules secos. De um lado, Sera via uma cidadezinha e um rio caudaloso onde despontavam embarcações; do outro, as sedes imponen-

tes de grandes fazendas, cercadas por casas menores, perdidas em meio à imensidão de plantações.

Sera guardou o Anel do Infinito na bolsa presa à cintura. Eles tinham acabado de usá-lo para sair de Washington em 1814, onde haviam corrigido uma Fratura na Casa Branca e conhecido a primeira-dama dos Estados Unidos, Dolley Madison. E os escravos dela.

Aquela parte tinha sido meio estranha.

— Cadê o SQuare? — Sera perguntou. Ela sabia que eles estavam em algum lugar de Maryland no ano de 1850, mas para descobrir *por quê*, precisava consultar o tablet que haviam recebido dos Guardiões da História. — Se você fizer a mesma gracinha de novo e disser que guardou dentro da calça, Dak, vou ficar muito brava. Estou avisando.

Dak era o melhor amigo de Sera, mas tudo tinha limite. Passar o tempo todo na companhia de dois meninos fedorentos estava se tornando cada vez mais desagradável para ela, sem dúvida alguma. Se pelo menos tivesse dado tempo de tomar banho na Casa Branca... Essa, sim, teria sido uma boa história para contar em casa.

Em casa... Ela fechou os olhos ao ser tomada por uma Reminiscência — uma quase memória de algo que não aconteceu, mas deveria ter acontecido. Ela não sabia se era apenas coincidência o fato de as viagens no tempo terem tornado as Reminiscências mais frequentes, nem se essa hipótese estava em conformidade com a Teoria da Não Localidade, mas parecia haver uma clara relação entre uma coisa e outra. E

como as Reminiscências de Riq também estavam cada vez mais presentes — apesar de ele nunca comentar a respeito —, Sera tinha quase certeza de que as duas coisas estavam ligadas. Talvez as Reminiscências se intensificariam antes de finalmente desaparecerem.

— O SQuare? Eu guardei dentro da calça — Dak respondeu, caindo na risada e batendo com força na perna.

Riq, que era alguns anos mais velho, revirou os olhos.

— Parem com isso. E fiquem quietos. Pode haver alguém nas redondezas — ele falou e soltou um suspiro. — Já estou cansado de ser a babá de vocês dois. Não é à toa que eu me queixo.

— Você disse “queijo”? — Dak perguntou e caiu na gar-galhada de novo. Ele se virou para Sera. — Ele disse “queijo”, não disse?

Os últimos dias estavam sendo longos e exaustivos.

Sera estava acostumada às piadas sem graça de Dak, mas não gostou nada do comentário de Riq sobre ser a babá dos dois. Principalmente depois do que haviam passado na França medieval, quando Dak desapareceu no meio da missão. Não fora ela que bancara a imatura. Ela não fora capturada pelos vikings, não perdera o SQuare, não comera o queijo do rei da França — na verdade, não havia feito nada nem remotamente parecido com isso. Sera virou a cara e cruzou os braços para se proteger do frio e da chuva, enquanto o vento balançava seu vestido ensopado, que se enrolava em suas pernas. Ela parecia uma boneca de pano descartada pela dona, atirada pela janela de um carro em movimento sobre uma poça de lama.

Riq franziu a testa.

— Desculpa — ele murmurou. — É que... eu estou cansado. Todos nós estamos. Vamos sair logo do meio desta tempestade e descobrir o que viemos fazer aqui.

Ao passar por Riq, Sera esbarrou nele de leve — já que ele havia pedido desculpas —, e depois empurrou Dak com bastante força, por ele ser tão irritante. Ela tentou pisar duro no chão, mas sua sapatilha saiu do pé e sumiu no meio da lama.

— Mas que porcaria — murmurou, olhando para o lugar onde a sapatilha inútil havia desaparecido. Então seguiu com um pé descalço, o barro frio se acumulando entre os dedos. Sera também teria tirado as luvas brancas que iam até os cotovelos, caso não fossem a única coisa impedindo suas mãos de congelar.

Quando chegaram à beira do milharal, Sera avistou um depósito velho e seguiu em sua direção. Com a cabeça baixa e arrependida por ter esquecido de pegar um guarda-chuva na Casa Branca, ela tinha um único objetivo em mente: abrigar-se lá dentro.

O silêncio era interrompido apenas pelo rugido do vento. O depósito parecia abandonado. A porta sacudia e um lâmpião balançava, pendurado em uma pilastra do lado de fora.

Sera entrou aos tropeços, sentindo os pés dormentes. Conforme sua visão foi se ajustando à mudança de luminosidade, ela viu que Dak já estava com os olhos vidrados na tela do SQuare.

— E então? — ela quis saber. — Qual é a Fratura?

— Ainda não sei. Precisamos resolver mais um enigma — Dak respondeu. — Desta vez são umas figurinhas.

Ele passou o SQuare para Riq. Enquanto Riq examinava as imagens, Sera espichou os olhos por sobre o ombro dele para dar uma espiada.

A + ( - A) + I + ( - ÍL) + N + ( - L)
(100 - C) ( - NA) + ( - UMB)

Sera olhou para a primeira linha e começou a falar sozinha.

— Uma centopeia... Alguma coisa a ver com insetos?

Riq lançou um olhar meio irritado para ela.

— Você precisa falar bem na minha orelha? Meu autotratador está enlouquecido tentando decifrar o seu blá-blá-blá.

Sera cerrou os dentes e se afastou.

— Desculpa.

A expressão do garoto mais velho se atenuou.

— Tudo bem — ele segurou o SQuare de modo que Sera e Dak também pudessem ver a tela. — Vamos lá. Estamos no mesmo barco. Somos todos viajantes do tempo.

— Só que alguns de nós valorizamos mais o trabalho em equipe do que outros — Dak resmungou.

Sera respirou fundo e virou a cara, impaciente. Ela não aguentava mais ouvir aquele tipo de alfinetada entre os dois. Se esforçando para enxergar no meio da penumbra, ela pro-

curava algum lugar para sentar ali no depósito sem que ficasse completamente imunda.

Era uma construção pequena. Apesar da escuridão, ela conseguiu esquadriñhar os quatro cantos do lugar. E foi por isso que se surpreendeu quando notou que tinha algo se movendo ali.

Ela ficou paralisada por um instante, e então recuou para abrir um pouco mais a porta, permitindo a entrada da luz.

— Quietos! Estão vendo aquilo ali? — Sera perguntou, apontando para o canto do depósito, onde o chão parecia se mover. Era um alçapão, e estava sendo aberto. — Nós não estamos sozinhos.

Amiga entre aspas

O CHÃO SE ERGUEU ALGUNS CENTÍMETROS, e depois mais alguns.

— Corram! — Dak sussurrou.

Ele não hesitou em seguir seu próprio conselho, e Riq e Sera saíram porta afora logo em seguida. Eles correram desesperadamente por um minuto ou dois, com os galhos e a lama castigando o pé descalço de Sera, até atingirem uma distância segura e se esconderem atrás de uns pinheiros.

— Por que nós fugimos? — Riq perguntou, arfando.

— Cara, o chão estava se mexendo. Tinha alguma coisa lá embaixo!

— É, mas se a gente não quisesse que a pessoa saísse, era só ficar em cima do alçapão.

— Como você sabe que era uma pessoa? — Dak rebateu.

— Ah, claro — Sera disse. — Podia ser um monstro — ela abriu um sorriso sarcástico.

— Ei, nunca se sabe. Com a nossa sorte, poderia ser o Sasquatch — Riq disse.

Dak sacudiu a cabeça e soltou um suspiro, aborrecido.

— Você claramente não sabe nada sobre o Sasquatch. Em 1850, ele nunca tinha sido visto nessa região. No começo, as aparições se resumiam ao noroeste do país. E ele nem tinha nome nessa época.

— *Enfim* — Sera interrompeu. — Isso é sério, e se eles ouviram a gente? Riq, você disse com todas as letras que nós somos viajantes do tempo!

Riq abriu a boca como se fosse protestar, mas logo desistiu.

— Foi mesmo? — ele perguntou baixinho.

— Riq! — Dak o repreendeu. — Você estragou tudo.

— Ah, qual é? Não estraguei nada — Riq desdenhou. Ele olhou para trás, apreensivo. — Mas se alguém tiver uma ideia do que devemos fazer agora, sou todo ouvidos.

Dak começou a balbuciar.

— Mil oitocentos e cinquenta. Maryland. A centopeia e alguma coisa com “ista” — ele coçou a cabeça antes de continuar: — Tinham muitos insetos naquele depósito...

Ele interrompeu o que estava dizendo e olhou para cima. Uma folha amarelada carregada pelo vento pousou sobre seu rosto.

— Dã, é claro — Dak disse. — Abolicionista. Vamos logo, antes que um raio caia na cabeça da gente.

Ele se pôs a andar, arrancando a folha grudada em seu rosto. Riq foi atrás.

Sera parecia hesitante.

— Pessoal — ela falou. — Não entendi. Aonde estamos indo? Ainda não resolvemos a pista inteira.

Ela desviou de um galho que vinha voando em sua direção.

— Porque a resposta é óbvia. Precisamos encontrar os abolicionistas — Dak respondeu. — É pouco provável que os Guardiões da História fossem favoráveis à escravidão, não é? Então o que precisamos fazer é encontrar um deles e descobrir como podemos ajudar.

Dak estava ficando cada vez mais ranzinza, arrastando os pés encharcados pelo mato molhado.

Sera os seguiu, mancando.

— Mas como vamos conseguir encontrar um abolicionista no meio de um furacão? — ela questionou.

Dak franziu a testa.

— Tecnicamente, com uma temperatura tão baixa, não pode ser um...

— Dã — Sera interrompeu. — Eu sei disso. É uma tempestade *nor'easter*, típica da Costa Leste dos Estados Unidos. Só não estava a fim de entrar em detalhes...

Riq olhou para o céu como quem clama por ajuda, sacudiu a cabeça e tomou a direção da casa mais próxima.

Sera e Dak se entreolharam e partiram atrás dele.

— Nós somos estranhos por aqui, não se esqueça — Sera alertou quando alcançou o garoto mais velho. — As pessoas podem desconfiar.

Ele olhou para as roupas que vestia.

— Eu sei. Mas não poderemos fazer muita coisa para evitar o Cataclismo se o seu pé for amputado.

— Own, você está preocupado com o meu pé — Sera disse, abrindo um sorriso.

A expressão de Riq continuou impassível.

— Estou preocupado com a missão dos Guardiões da História.

Isso bastou para que todos se calassem pelo resto do caminho.

A primeira casa a que chegaram estava às escuras. As cortinas estavam fechadas e não havia nada sobre o parapeito das janelas, nem na varanda. Dak sacudiu a cabeça.

— Alguma coisa está errada — comentou.

Eles foram até a casa seguinte, que também pareceu estranha aos olhos de Dak.

— O que você está procurando? — Riq perguntou.

— Quando eu encontrar, eu explico — Dak disse.

Sera abaixou a cabeça para se proteger do vento e saiu mancando atrás deles.

Vários minutos depois, eles se aproximaram da terceira casa, o vento e a chuva castigando bastante seus rostos.

Ao notar que havia um lampião na janela, Dak subiu cautelosamente os degraus da varanda.

— Pode ser aqui. Eles usavam lampiões como sinal.

Dak deu mais uma olhada no milharal, avistando o depósito à distância e se perguntando se a plantação pertenceria

ao dono daquela casa. Em caso afirmativo, a existência do alçapão faria um pouco mais de sentido.

Riq parou no meio da escada e franziu a testa. *Lá vem o Riq fazendo cara feia de novo*, Dak pensou.

Sera se virou para o garoto mais velho.

— Você acha muito arriscado? — ela perguntou.

Riq não disse nada. Em vez disso, soltou um gemido, deu alguns passos trôpegos, agarrou-se ao gradil da varanda e fechou os olhos.

Sera foi até ele e o segurou pelo braço. Dak demorou um pouco para se dar conta do que estava acontecendo: Riq estava tendo uma Reminiscência.

— Foi muito forte? — Sera sussurrou.

Não houve tempo para resposta.

A porta se abriu um pouquinho, depois mais um pouco, e uma mulher com um vestido preto e pesado de lã e uma touca na cabeça apareceu.

— Entrem — ela convidou, mas se mostrou um pouco hesitante ao reparar na aparência dos três. Depois de um instante, porém, abriu um sorriso e repetiu o convite com um pouco mais de urgência: — Ahh, que interessante. Entrem, entrem — a mulher disse e fez um sinal com a mão para eles se apressarem, que foi obedecido sem questionamentos.

Dentro da casa, o fogo crepitava na lareira. Riq, Sera e Dak ficaram um tempo parados junto à porta, tremendo e molhando todo o chão, mas a mulher não parecia se importar. Ela entregou uma toalha a cada um para que pudessem se secar.

— Ora, ora — ela falou, olhando para Sera. — Suas roupas são bem incomuns.

Sera a encarou sem piscar.

— Nós estávamos em uma festa na... hã...

— Na fazenda vizinha — Dak continuou. — O tema da festa era o período pós-Guerra da Independência. Quando estávamos voltando para casa, um dos nossos cavalos, hã... — ele olhou para baixo e notou o pé descalço de Sera — perdeu uma ferradura, e saímos andando no meio da tempestade para procurar um lugar para passar a noite.

Sera sentiu vontade de dar um chute na canela de Dak.

Riq ficou em silêncio.

A mulher abriu um sorriso largo.

— Não é preciso inventar histórias. Sou Hester Beeson, uma Amiga. Creio que estavam procurando por mim.

Ela olhou Dak e Sera nos olhos ao falar com eles, mas se limitou a um aceno de cabeça na direção de Riq.

Dak encolheu os ombros de leve, e então concordou com a cabeça.

— Certo — falou. — Então você é uma... — ele se interrompeu propositalmente.

— Ah, sim, nós estamos do mesmo lado — ela falou, ainda sorrindo. — Ser útil a vocês é uma alegria para mim.

O rosto de Dak se iluminou. Uma Guardiã da História?
Maravilha!

A sra. Beeson não perdeu tempo.

— Então vamos entrando. Temos uma sala secreta aqui...

Nunca se sabe quem pode estar por aí em uma noite como esta... — ela comentou enquanto os guiava pelo interior da casa.

Dak lançou um olhar de interrogação para Riq, que se mantinha impassível, olhando para a frente.

— Vocês querem me entregar alguma coisa? — a sra. Beeson perguntou, virando-se com as mãos estendidas. — Para guardar no cofre?

Sera ergueu uma sobrancelha.

— N-não, obrigada. Preferimos manter tudo ao alcance da mão.

— Muito bem, então.

A mulher não pareceu notar a expressão estranha no rosto de Riq, mas Dak reparou muito bem. Só não entendia o que aquilo significava.

Ela arrastou uma cadeira de madeira e afastou um tapete para revelar uma porta quadrada no piso. Abriu o trinco e puxou a porta para cima, colocando-se ao lado da abertura revelada com muito orgulho.

— Parece mágica — ela disse, sorridente. — Vocês dois e seu escravo ficarão bem confortáveis aqui embaixo.

Dak e Sera se entreolharam, perplexos. Dak arriscou uma olhadela para Riq, que parecia furioso.

— Sra. Beeson — Sera começou, vermelha de vergonha.

— Riq *não é* nosso...

Um rápido chute na canela a fez se calar a tempo.

— Fico feliz por terem chegado em segurança — a sra.

Beeson disse, e começou a cantarolar à medida que desciam a escada para um porão pequeno e gelado, iluminado por lampiões. — Aqui vocês encontrarão roupas secas para vestir e água e sabão para limpar esses cortes no pé, mocinha. A comida vem em um instante.

— Certo... Obrigada — Sera disse, um tanto insegura. Ela fez uma cara de interrogação para Dak e Riq, que retribuíram com o mesmo tipo de olhar. A garota se inclinou na direção deles e murmurou: — Ela é bem esquisita. Vocês acham mesmo que ela é a Guardiã da História local?

Dak fez que sim com a cabeça. Mas de fato parecia haver alguma coisa errada.

— Com licença — ele gritou lá para cima. — A senhora sabe quem é Aristóteles, não é?

— Não, querido — a sra. Beeson respondeu. — Nunca conheci ninguém com esse nome.

Um instante depois, a porta do alçapão foi batida.

E o trinco foi fechado com um clique.

Eles ouviram a cadeira ser arrastada de volta para o lugar.

Três adolescentes com uma inteligência muito acima da média haviam sido trancafiados por livre e espontânea vontade em um porão no meio do nada. Eles se entreolharam enquanto Dak dizia:

— Espera aí. O que acabou de acontecer?